

Por uma abordagem epistemológica dos afectos na semióse¹

Marcio Telles²
Marcelo Bergamin Conter³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo, que se incorpora à pesquisa Semiótica Crítica: por uma teoria das materialidades na comunicação⁴, propõe à semiótica desafios epistemológicos levantados por teorias que lidam com o afetivo, tendo em vista as ditas viradas afetivas ocorridas em diferentes áreas do conhecimento nas últimas décadas. Diferencia-se o par afecção/afecto de afeto, emoção, paixão e sensação no uso cotidiano para dar conta das dimensões epistemo e ontológica da semióse. Com base em Hjelmslev, Deleuze e Guattari e Espinosa, ensaia-se dizer que há, para além de uma capacidade significante, também uma qualidade sensacional da semióse, aproximando assim a processualidade deste fenômeno às cadeias afetivas que devém de toda afecção.

Palavras-chave

Afetos; afecção; semióse; epistemologia; Espinosa.

1. Introdução

*Afecto*⁵ é palavra-conceito central na *Ética* de Espinosa⁶, que adquire múltiplos significados nas humanidades. Na perspectiva que pretendemos construir, afecto é o signo de uma *afecção*, quer dizer, da ação de um corpo sobre outro, sendo corpo tudo aquilo capaz de entrar em relação, independente de sua manifestação no mundo. Desta forma, todo corpo, seja ele uma palavra, um filme ou uma ideia, pode ser preenchido por um ou vários significados, ou, à maneira de Espinosa: diversos *modos* que devém outros (são *afectados*) toda vez que *acontece* choque entre dois ou mais corpos. Advém daí que todo significado é altamente fluído, pois os corpos estão sempre sendo afectados por outros, sendo modificados constantemente.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa em Semiótica Crítica (GPESC). Email: tellesdasilveira@gmail.com

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre pela mesma instituição. Integrante do Grupo de Pesquisa em Semiótica Crítica (GPESC). Email: bconter@gmail.com

⁴ A pesquisa é coordenada pelo Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva (PPGCOM/UFRGS).

⁵ Sentimos a necessidade de utilizar o termo afecto para afirmá-lo enquanto conceito, a fim de ressaltar suas diferenças em relação ao uso cotidiano de afeto. Ademais, ao conservarmos a raiz latina, a interdependência entre afecção e afecto se torna mais perceptível. Pedimos ao leitor atenção nestas sutilezas.

⁶ Como é sabido, existem diversas grafias do nome do filósofo holandês. Optamos por seguir a intérprete brasileira Marilena Chauí (1999) e suas considerações: portanto, Espinosa é o nome próprio; os termos *espinosismo* e *espinosista* reservam-se para o decalque pejorativo de sua filosofia ao longo dos séculos, bem como para sua caracterização enquanto doutrina; e os termos *espinosano*/*espinosana* para o emprego que consideramos correto de sua filosofia (cf. a nota de rodapé em CHAUI, 1999, p.21).

Esta proposta, acreditamos, é diferente daquilo que tem se refletido sobre o afeto, ora como aquilo que escaparia à significação, seja pré-sígnico ou a-sígnico; ora como elemento passional. Como dito, todo afecto *é* um signo e toda afecção, que ocorre entre dois ou mais corpos, modifica-nos de parte a parte. Este ponto de vista tem caráter epistemológico: diremos que o sentido *advém* do sensível; não nos interessa o sentido *do* sensível. A impossibilidade de não afectar e de não ser afectado é o que pretendemos ensaiar neste artigo, observando as funções ontológicas da afecção para estabelecer relações entre esta e a semiose.

2. Virada afe(c)tiva

Os últimos anos, quiçá até as últimas décadas, se caracterizaram pelo que se convencionou chamar de uma *virada afetiva* nas humanidades. Como diz Brinkema, “A virada para o afeto... é parte de um grande novo despertar de interesse nas problemáticas de *embodiment* e materialidade no acordar da teoria ocidental do Século XX que, para muitos, foi pura semiótica e nada de sensação [*sense*], pura estrutura e nada de matéria” (BRINKEMA, 2014, p. xii, tradução nossa). O interesse pelo tema, todavia, é tão antigo quanto a própria filosofia – estaríamos então a experimentar um reencontro ao assunto recalcado pelo racionalismo iluminista: as paixões, as emoções, os sentimentos, as afeições. É Platão (e Sócrates) o primeiro pensador a propor uma sistematização do *pathos*, ou sofrimento, a qualidade de um ser (uma pessoa, mas também uma obra de arte) capaz de provocar um sentimento, de pena ou de compaixão, sobre outro. Ou, como apontamos, de um corpo afectar outro.

O *pathos*, que nas traduções latinas e no inglês torna-se-ria *passiones*, designa qualquer estado sensitivo, animíco ou moral produzido pela ação de um agente externo, ligado ao sentido de sofrer, donde advém o termo *patológico*. Portanto, o termo combina a ideia de passividade⁷ com a de sofrimento⁸ – paixão é aquilo que *se* sofre, o corpo sofredor dobra a paixão sobre si mesmo. Mas o termo aparece com outras traduções na mesma época: *perturbationes* (em Cícero), *affectio* e *affectus* (em Galeno). *Afficio*, derivada da raiz *facere* (fazer) que significa colocar em certa disposição, irá especializar-se mais tarde: *affectus* conserva o sentido do *pathos* grego e *affectio* assume o sentido de *stérgō*, tornando-se o verbo amar e o substantivo afeição, sobretudo no sentido do amor dos pais

⁷ Fiorin (2007, p.8), por exemplo, demonstra que o termo era utilizado de igual maneira para designar a capacidade de sofrer quanto o homossexual passivo.

⁸ Por exemplo: a Paixão de Cristo.

pelos filhos, do apego, da inclinação para, da simpatia – o uso corrente do vocábulo em português.

Daí então, como observa James (1997), estabelece-se a impressão de que todos estes termos são sinônimos – os filósofos da Era Moderna falam tanto de “perturbações da mente” quanto de “afeições”. A sinonímia se complica ainda mais quando Aristóteles retorna ao meio intelectual europeu, tornando também sinônimos de *pathos* as palavras *sensium* e *sensatio*, que significam a experiência de uma sensação ou de um sentimento, maneira de pensar (donde o termo jurídico sentença), e maneira de sentir (donde sentido). Afirma Fiorin (2007, p.10) que o vocábulo sentimento é uma criação do século XV para indicar um estado afetivo estável e durável, tanto uma percepção de algo externo quanto o conhecimento de algo interno. A sensação seria, então, fisiológica (corpórea), enquanto o sentimento seria mental, da alma. Daí por que sentido é tanto a faculdade de perceber de um órgão determinado, do lado corpóreo, quanto o significado de um elemento linguístico, do lado espiritual.

Mas, se a paixão é um movimento de alma em São Tomás de Aquino (FIORIN, 2007, p.11), é Descartes quem sugere um novo sinônimo para o complexo afetivo: *e(x)movere*. Emoção, o ato de mover para fora, originada do radical latino *motio*, pode ser tanto traduzido por movimento quanto por perturbação – afinal perturbado está aquilo que é colocado em movimento. Ahmed (2004) conclui assim que emoção é aquilo que move, mesmo quando não se move simplesmente, entre um indivíduo e outro (o perturba), inclusive aquilo que *se anexa (attachment)* em tal processo. Nessa acepção, tem-se que emoção é tanto aquilo que está em um corpo quanto aquilo que é transferido para outro, e também o processo de transferência. Emoção estaria simultaneamente nos corpos e fora deles, mas, sobretudo, é passível de mudar de um corpo a outro (de mover para fora de um e para dentro de outro), o que irá gerar a impressão, bastante disseminada (por exemplo, na Semiótica tensiva), que toda emoção é, antes, culturalmente situada.

Mas, se *emoção* implica que há algo dentro do corpo que é movido para fora (e para dentro de outro corpo), o *pathos* implica que existe algo externo ao corpo que é capaz de modificá-lo *de fora para dentro*, ao mesmo tempo em que se conserva modificado também no agente infectante/afectante. Entre o passional e o emotivo, preferimos o termo *afecção* para indicar o processo de choque de corpos (verbo) e *afecto* para expressar as mudanças de estado (substantivo) dentro dos corpos *afectantes* – de tal maneira que um corpo é tanto afectante quanto afectado. Logo, compreendemos que toda emoção é um afecto, mas nem

todo afecto é uma emoção: há sensações (de frio e de calor), desejos (a sede, a fome, o sono), patologias (a gripe), comunicação nos mais diversos níveis (o filme que vejo me afecta para compreendê-lo, me afecta ao me emocionar, me afecta ao dobrar-me sobre minha própria memória, etc).

Como dito, os termos derivados de *afecção* que utilizamos não são gratuitos, têm uma longa história na filosofia⁹, sobretudo na do filósofo holandês Bento de Espinosa. Sucintamente, Espinosa define *afecção* como aquilo que “aumenta ou diminui a potência de agir de um corpo quando afetado, incluindo as mudanças que provoca” (ESPINOSA, 2014, p.197) e a ideia dessa afecção. Afecção assim inclui o processo dos corpos se implicarem, as mudanças sensíveis que tal processo causa no corpo afetado, e a ideia proveniente desse encontro. No primeiro postulado do terceiro livro da *Ética*, Espinosa afirma que afectos são “*modos* que aumentam ou diminuem” a potência de um corpo, quer dizer, afectos são as próprias modificações da substância, e o corpo humano é capaz de experimentar um grande número de modificações e “reter (...) as impressões ou vestígios dos objetos e, conseqüentemente, as mesmas imagens das coisas” (2014, p.198). Ou seja: sempre que um corpo é implicado em outro (afectado), o primeiro deixa no segundo vestígios, sejam eles extensivos – mudanças na matéria – ou mentais, segundo seu atributo.

Os afectos são sobretudo variações de intensidade, que ora diminuem, ora aumentam a potência (*potestas*) de um corpo: paixões tristes e paixões alegres. É possível vislumbrar o mecanismo espinosano em funcionamento na resignificação que ele faz das paixões: se, para os antigos, o medo era negativo, ele se transforma em uma paixão alegre (positiva) em Espinosa: ao sentirmos medo, nosso corpo aciona mecanismos que visam preservar a si próprio, como maior tolerância à dor, adrenalina, maior percepção dos arredores, maior agilidade, etc. (DAMÁSIO, 2004, p.148). Essa espécie do que hoje entenderíamos por instinto de preservação é o que Espinosa chama de *conatus*.

Para Espinosa, algo mental não pode imprimir mudanças em algo material (*res extensa*), e vice-versa. Mentes pensam e Extensões se movem; mas mentes não movem, nem corpos pensam. Todavia, o mesmo objeto pode ser apreendido ora pelo atributo da mente ora pelo atributo do corpo: não existem dois objetos opostos, ideal-material, mas antes duas maneiras de conceber o mesmo objeto (corpo e mente são uma só e a mesma coisa). Assim, será apenas um outro corpo que provocará o movimento do corpo; e somente uma Ideia irá provocar a mente a pensar, ainda que, no mais das vezes, eles advenham

⁹ Um apanhado histórico interessante se encontra em KNUTILLA, 2004.

concomitantemente. Assim, a ordem das ações e das paixões do corpo concordam com a ordem das ações e das paixões da mente, ou seja, um único e mesmo afeto é capaz de produzir modificações substanciais na mente e no corpo.

Gostaríamos de enfatizar que, da paixão à emoção, passando pela afeição e pela sensação, todos os termos apresentam radicalmente a mesma ideia, que pode ser traduzida ainda por outro termo latino: *contagio*, onde *con-* (junto) e *tangere* (tocar, encostar). É preciso que haja contato entre os corpos para que existam afectos – é assim que estes se produzem. Como observa Lapoujade (2013, p.24), a “emoção é o movimento pelo qual o espírito apreende o movimento das coisas, dos seres, ou o seu próprio”, ou seja, “[p]ara apreender a duração... é preciso senti-la fluindo em nós” (idem, p.11). Se nos interessa mais a ideia do *pathos* que do *emovere*, o entendimento que Lapoujade possui da emoção ajuda a diferenciar entre dois instantes de tempo nos quais se produzem os afectos – assim, a semiose das afecções necessariamente precisa lidar com uma dupla articulação temporal ao devolver o objeto à duração. Antes, todavia, é preciso compreender como a Semiótica tratou tais questões até aqui.

3. Afe(c)tos na semiótica

Pode-se dizer que, na Semiótica, é a greimasiana que mais dedicou-se ao estudo das paixões através da dimensão patêmica do plano de expressão, uma semiótica dita tensiva, em busca do sensível. Nesta linha, o emprego dos vocábulos emoção, afeto, paixão e sentimento aparecem ora enquanto sinônimos, subsumidas no hipônimo afeto, ora como especializadas, diferenciando-se qualita e quantitativamente. Para Fiorin, por exemplo, os termos afeto, afeição e paixão (assim como amor e amizade) “são estados de alma que se diferenciam pela intensidade” (2007, p.11), diferença quantitativa, mas que compõem o que o autor chama de afetividade, “complexo formado de emoção, inclinação, paixão, sentimento” (2007, p.14), que desvela-se nos discursos. Se são todos afetos, eles se caracterizam por suas relações, diferença qualitativa: por exemplo, os afetos em relação às paixões seriam menos intensos e mais reservados; o amor em relação à amizade, mais durável.

Como dito, uma das características da abordagem dos afetos na semiótica tensiva é a insistência de que o afeto, sobretudo na forma concentrada de paixão, é culturalmente situado: “uma paixão é um acontecimento apreendido e reconhecido por um observador culturalmente competente. Por isso, vivenciar uma paixão é assumir também uma

identidade cultural” (FIORIN, 2007, p.12). Lara e Matte chegam a afirmar que, para a paixão se desvelar, é imprescindível um ato de *moralização*, que confronta os valores imantes do afeto aos transcendentais da comunidade (2011, pp.38-42). Assim, os afetos já não seria mais qualitativos do discurso, mas sim quantitativos e passíveis de julgamento (moral) a partir do exterior; como elas afirmam, “a paixão pode ser avaliada, mensurada, julgada, tornando-se seu sentido, para um observador exterior, um sentido axiológico” (2011, p.38). Logo, uma atitude considerada “normal não é passional” (2011, p.42), estando a diferença na régua afetiva na medida do *socius*: “a emoção é produto da disposição interna e individual do sujeito. [...] a paixão é sempre produto do quadro de valores em que se insere a enunciação” (2011, p.42).

Voltemos a questões epistemológicas. Na Semiótica das paixões, de Greimas e Fontanille (1993), a paixão é entendida, de início, como “uma modalidade do ser ou um arranjo” (FIORIN, 2007, p.5) de qualificações modais, isto é, de qualidades, compatíveis ou incompatíveis com a entidade agenciadora do discurso, mas sobretudo, enquanto estado de alma. Assim, as paixões ou seriam simples, se resultantes de uma única modalização do sujeito, como a cobiça; ou complexas, se encadeadas de vários percursos, como a raiva. A paixão enquanto arranjo de modalidades estabelece uma diferença entre o que está atualizado e o que é realizado: no primeiro, “uma série de roteiros é possível, enquanto no segundo, não” (idem, ibidem). Logo, é possível estabelecer potências na narrativa que contrariem a lógica interna desta.

Com Fontanille e Zilberberg (2001), a problemática se apresenta de uma forma sensível que cria taxonomias conotativas, a fim de incorporar, “no exame das paixões, a aspectualização e a intensidade” (FIORIN, 2007, p.12). Como afirmam Fontanille e Zilberberg (2001, p. 297), a paixão é, na semiótica tensiva, “uma configuração discursiva caracterizada por suas propriedades sintáticas – é um sintagma do discurso – e pela diversidade dos componentes que reúne: modalidade, aspectualidade, temporalidade, etc.”. Conjugam-se aí tanto a extensidade, “com suas projeções no espaço e no tempo” (FIORIN, 2007, p.12), quanto a intensidade, “com seus efeitos de andamento e de ritmo” (idem, ibidem), lembrando que “a intensidade é da ordem do sensível, do domínio dos estados de alma, da afetividade; que a intensidade rege a extensidade” (idem, p.14). Desta forma, correlaciona-se o extensível/inteligível ao sensível, valorando o último sobre o primeiro par; daí por que Waldir Bevidas (2011) irá insistir na primazia (epistemo)lógica do ato semiológico sobre o fenomenológico. Para ele, a melhor maneira de desenvolver uma

Semiótica da experiência vivida, quer dizer, do *sensível*, é “considerar que a condição fenomenológica da percepção humana só pode ser semiológica” (2011, p.16). Ainda que nossa proposta aqui não seja debater essa *semiocepção*, como chama Bevidas, é a dimensão (epistemo)lógica da semiose que pretendemos prosseguir nossa investigação.

4. Afecto e significação

Aproximando Espinosa de Hjelmslev, Deleuze (1997, p.156) afirmará que o filósofo holandês apresenta na *Ética* três elementos que constituem tanto formas de conteúdo como formas de expressão: os afectos (signos), os conceitos (noções) e os perceptos (essências). Logo, Deleuze dirá que um *afecto*, ou um *signo*, pode ter vários sentidos, mas será sempre um *efeito* (idem, ibidem). Um efeito é tanto “o *vestígio* de um corpo sobre um outro” quanto “o *estado* de um corpo que tenha sofrido a ação de um outro corpo, uma mistura” (idem, ibidem, grifos nossos), afecção no primeiro caso, afecto no segundo. Ou ainda: “os signos são efeitos: efeito de um corpo sobre outro no espaço, ou afecção; efeito de uma afecção sobre uma duração, ou afecto” (idem, p.159). Desta forma, coloca-se que afecção é o que acontece na relação entre corpos, no seu encontro, choque no espaço; afecto é o que advém daí, produto da afecção, mudança no modo do corpo, em sua potência, ou seja, os “afectos supõem sempre afecções de onde derivam, embora não se reduzam a elas” (idem, p.158). Importante observar que a afecção não é “meramente um efeito de um corpo sobre o outro, de forma ligeira, mas também um efeito sobre a própria duração” (idem, p.178). Quer dizer: todo encontro no espaço irá produzir um efeito na duração dos corpos afetados, aumentar ou diminuir sua potência ou ambos ao mesmo tempo; e que sobretudo tal mistura de corpos pressupõe o movimento *no* e *do* tempo – um antes e um depois.

Isto posto, em uma primeira viravolta, Deleuze, a partir de Espinosa, irá afirmar que “os signos não têm por referente direto objetos” (1997, p.158), quer dizer, não estão para outra coisa externa a eles. São, em verdade, “estados de corpos (afecções) e variações de potências (afectos) que remetem uns aos outros” (idem, p.158). De tal forma que poder-se-ia traçar regressivamente uma linha de afecções até a indiscernibilidade total, ou Univocidade, em que tudo implica e é implicado por tudo (ao invés de regredir até uma essência imóvel).

Na segunda viravolta, Deleuze afirma que os signos ou efeitos, *afectos*, são sombras dos e nos corpos, estão em suas superfícies, nas bordas. O signo ou *afecto* é aquilo que toca entre um corpo e outro (1997, p.159). “Somos, portanto, seres que percebemos a sombra de

um corpo sobre o nosso corpo. Só temos refletida a sombra e não o corpo, cabendo a esse papel o do intangível, inacessível. Só conseguimos notar seus efeitos, o claro-escuro” (TRENTO & VENANZONI, 2014, p.118). Não é mera questão de mediação, como propõe Muniz Sodré com a instância de afetividade, interface cognitiva responsável por mediar emoções externas em afetos internos (apud REZENDE, 2012), mas sim que aquilo a que os corpos tem acesso não passa dos próprios afectos, qualquer interioridade é imediatamente expurgada em favor do fora.

As duas viravoltas de Deleuze são, obviamente, antiplatônicas. Eis que não é a Ideia que contemplamos através do referente, “mas os elementos da matéria, por sensação” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p.250). A semiótica das afecções seria, portanto, imanente: “A planta contempla contraindo os elementos dos quais ela procede, a luz, o carbono e os sais, e se preenche a si mesma com cores e odores que qualificam sempre sua variedade, sua composição: é sensação em si” (idem, p.250). Estamos aqui em um regime muito diferente de significação.

Para Deleuze e Guattari (2011) o mundo todo, todos os corpos, já estão significados. No entanto, lhes faltam um outro corpo que exerça a função significante, para que daí possa emergir signos. Um determinado corpo será significado ou significante dependendo se ele estiver, respectivamente, sendo afectado ou afectando. Desta forma, um afecto pode ser preenchido por um ou vários sentidos. Não é sentido ainda, porque o sentido só existe do encontro de duas séries. Enquanto afecto em si e por si, ele é uma série significada. Só com uma série significante é que acontece o sentido. Portanto, o sentido é um incorpóreo, ou melhor, um *intercorpóreo*, pois ele é resultado de afecções entre corpos, que altera a natureza de ambos.

Por exemplo: a palavra árvore não se refere mais ao objeto árvore, e sim à afecção da árvore, e o entendimento que tenho quando ouço a palavra é afecto. Mas que afecto é esse? A partir daí é evidente que ver uma árvore ou o desenho dela, ou ainda ouvir ou ler a palavra árvore produzem, todos, afectos muito distintos, sendo pois produtos de afecções diferentes, logo aquilo que imprime os significados são as relações que se criam entre os corpos. E, mais ainda, como no exemplo da planta, não sou afectado apenas pela palavra árvore em qualquer dado momento, mas por uma multiplicidade de outras afecções que produzem todas elas afectos em meu corpo ao mesmo tempo, portanto se estabelece uma rede de relações responsável por preencher os significados de todos seus elementos.

No nosso entender, os signos não são coisas¹⁰, nem estão nas coisas: eles ocorrem entre as coisas. Efeito de um acontecimento presente sob o regime de Cronos (tempo em devir: não um instante, mas um corte móvel da duração). Nos estoicos, “O signo deve ser sempre signo de uma coisa presente, *ele é um julgamento*. [...] *o fato de ter tido um ferimento* que é significado; deste fato presente, conclui [Bréhier], o signo é este outro fato de *haver uma cicatriz* que é igualmente presente” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 41, grifos do autor). Deleuze (cf. 2007) completaria dizendo que o signo só acontece porque, assim como há uma série significada preenchida (*o fato de ter tido um ferimento*), há uma série significante vazia (o agente significante – que é afectado pela imagem da cicatriz) desprovida de sentido, e que preenche esta casa vazia com o signo que emergiu do encontro destes dois corpos¹¹. Na nossa compreensão, ambos seriam corpos a misturar-se.

No exemplo da cicatriz, ocorreram trocas, afecções incorporais entre ambos os corpos, significado e significante. O signo que emergiu corta a duração de ambos e os fazem mudar de modo, atribuindo-lhes um novo significado ou substituindo um antigo. Tais significados são absorvidos pelos corpos em forma de sentido, ou de *percepto*: imagem-memória, a forma que o signo toma ao se acumular no passado. Uma abordagem afectiva da semiótica pressupõe sempre dois instantâneos do tempo: antes e depois da afecção.

Em tais parâmetros, para Trento & Venanzoni, todo “o discurso que circula, nas falas, nas imagens, em qualquer coisa da linguagem [e fora dela], do mundo visível, são formas de afecções sónicas, que guardam em nós uma reação ao objeto que inferiu nosso corpo: um afecto” (2014, p.112). Toda comunicação, e toda significação, é afectiva. Ou, como diria Lacan, “o afe[c]to é a linguagem nos afe[c]tando” (*apud* TRENTO & VENANZONI, 2014, p.119).

Vale notar como neste modelo *não há signos onde não há afecção entre corpos*. Mais do que isso, *não pode haver semiótica fora de um regime afectivo*¹². Pudera, o universo todo é formado por corpos que misturam-se uns com os outros. Há uma diferença importante a ser demarcada neste momento, entre o que é/está fora e dentro deste regime

¹⁰ A tradição semiótica tem compreensões divergentes sobre essa questão. Para Santo Agostinho, signo é a coisa (objeto), mas nem toda coisa é signo. Para Morris, só é signo o objeto passível de ser interpretado por um intérprete, posição negada tanto por Peirce quanto por Saussure. O primeiro chama a materialidade do signo de representâmen; o segundo, de significante, mas em ambos os casos o termo “signo” apresenta-se como intercambiável. Ainda mais problemático é o fato de alguns autores considerarem o mundo dos objetos físicos como “esfera não-semiótica” (cf. NÖTH, 1995, pp.79-91).

¹¹ Nota-se aqui a importância de Saussure para a linguística e para as humanidades, quando elaborou seu modelo sónico desprovido de objeto referente material ou ideal. O efeito gerado pelo choque entre dois corpos imateriais – significante e significado – é um signo, também imaterial.

¹² Esta é uma proposição bem distinta daquelas propostas por teorias das materialidades, da presença ou de outras viradas ditas afetivas.

dos signos. O afecto não pode ser entendido apenas como força, intensidade, emoção, sensação, ou qualquer qualidade que possa ser sugerida como não-lingueira. Pelo contrário: ele é produto de uma afecção, e forças são forças, intensidades são intensidades, e assim por diante. O que queremos dizer é que não se pode generalizar o afecto com todos estes atributos, sob a pena inversa de reduzir cada atributo a ser nada mais do que tipos de afecto. Justamente, autores como Massumi (2002), Hemmings (2005, p. 551) e Navaro-Yashin (2009, p. 12) salientam que os afectos não são sentimentos ou emoções, e sim estados de ser, como devires que seguem para além daqueles que os vivenciam.

5. Funções ontológicas das afecções

Em um compêndio sobre teoria do afecto, Gregg e Seigworth (2010, p.5) introduzem o livro comentando que uma das coisas mais certas que se pode dizer do afecto (bem como de suas teorias) é que ele sempre irá exceder o contexto de sua emergência: suas linhas de fuga sempre engendram novos possíveis. Thompson e Biddle (2013, p.8), no mesmo percurso histórico que estamos aqui delineando, salientam que a ideia de afecto implica compreendê-lo como afeto-em-potencial, variação contínua da capacidade de um corpo afectar e ser afectado. Assim, afectar implica em variações de intensidade, em atritos, e portanto em nunca ser justo: ou há afecção em demasia, ou em carência, e, em ambos os casos, o afecto jamais ocorre 1:1. O choque entre dois corpos nunca é linear, mas efetivado por uma multiplicidade de forças. Após o choque, como quando dois planetas se chocam e se estilhaçam, não só os planetas mudaram como todas as forças contidas em cada um mudaram, espalhando-se e possibilitando novos choques e diversas alteridades.

Outro ponto recorrente, que parece surgir primeiro em Massumi (2002), é enfatizar a ideia de que o afecto emerge em meio a um *entre*. Em inglês funciona melhor: “Affect arises in the midst of *in-between-ness*” (GREGG; SEIGWORTH, 2010, p. 1). Essa ideia de entreidade por vezes soa obscura, mas Massumi utiliza um bom exemplo: o eco. Para que tal evento sonoro ocorra, é preciso que exista uma distância entre duas superfícies distintas nas quais o som irá rebater. A vibração de ar mantém sua propriedade em termos de latência e frequência, mas ao se chocar com corpos paralelos dobra a si próprio e adquire uma nova qualidade. “[...] a ressonância não está nas paredes. Está no vazio entre elas. Ela enche o vazio com seu complexo padrão” (MASSUMI, 2002, p. 13-14, tradução nossa). Ou seja: afecção não é apenas a ação de um corpo em outro, mas é também da afecção em si própria, dobra intensiva, excesso que gera múltiplas linhas de força.

Como já dito, afirmamos um corpo como qualquer coisa que seja capaz de afectar ou de ser afectado por outro. Um bom exemplo é o feixe de luz: ele pode iluminar ou esquentar um corpo, modificando a forma deste; ou ser rebatido ou ainda absorvido pelo mesmo corpo, tendo sua própria forma modificada. Já os efeitos intercorporais decorrem do encontro de corpos. O corpo tem, então, uma capacidade de entrar em relações de movimento e descanso, e possui o poder (ou: a qualidade) de afectar e de ser afectado (transições de modo, modulações); o reflexo de cada transição é uma variação nas capacidades, mudança de modos nos corpos entre dois instantâneos.

O corpo não absorve apenas pulsos ou estímulos discretos; ele invagina [infolds] *contextos*, volições e cognições que não são nada se não situadas. Intensidade é associal, mas não pre-social – ela inclui elementos sociais mas mistura-os com elementos que pertencem a outros níveis de funcionamento e combina-os com uma lógica diferente. (MASSUMI, 2002, p. 30, tradução nossa)

Nenhum corpo é estático, mas está em movimento constante: mutação, devir. Todo corpo é modificado incessantemente por transformações ocorridas dentro de si próprio (agenciamentos de auto-organização) e transformações efetuadas por corpos externos que o afecta (agenciamentos de desorganização). Convém demarcar, porém, que todo afecto é sempre produto interno, mesmo quando sua causa é externa. É que todo corpo possui elementos organizacionais internos capazes de traduzir a afecção conforme seus próprios atributos e exercer, portanto, as modificações necessárias (para aumentar ou diminuir sua razoabilidade interna). Por exemplo: há parasitas que se desenvolvem em nosso organismo, causando-lhe mudanças; enquanto há outros parasitas que não se desenvolvem, são sequer notados. Percebe-se, portanto, que a qualidade de cada parasita em afectar o ser humano não depende dos atributos do parasita, mas sim do atributo do corpo humano em ser afectado por determinado parasita e não por outro. Ainda, todavia, existem vírus capazes de alterar as estruturas internas do corpo afectado. É por isso que insistimos que a melhor metáfora para compreender as afecções é a do *contágio*: podemos traçar paralelos na maneira como vemos, ouvimos, amamos, pensamos, sentimos, etc.

Precisamos avançar o estudo das *afecções* não apenas como choque entre corpos, mas também enquanto dotadas de certas propriedades: intensidades, forças, linhas de fuga. O movimento é duplo: cabe apresentar o que Guattari chama de Quatro Funtos Ontológicos (tabela 1), pois se, até agora, demonstramos as ocorrências de afecções no nível da matéria (atual e real), é preciso deixar claro que existe afecções em todos os pontos

da encruzilhada. A (des)organização caosmótica, afinal, pressupõem misturas de corpos, agenciamentos em níveis diversos.

	<i>Expressão atual (discursivo)</i>	<i>Conteúdo focos enunciativos virtuais (não discursivos)</i>
possível	discursividade maquínica	complexidade incorporal
real	discursividade energético-espaco-temporal	encarnação cósmica

Tabela 1. O agenciamento dos Quatros Funtores Ontológicos. In: GUATTARI, 2012, p.85.

Como já referimos, um movimento importante na aproximação entre Hjelmslev e Espinosa que Deleuze e Guattari efetuam é o de trocar a equação mente/extensão para a de conteúdo/expressão. No diagrama de Hjelmslev, conteúdo e expressão estabelecem uma dupla articulação, quando, ao partir do plano de consistência para agir em matérias não-formadas ou visando reformalizá-las, geram forma e substância do conteúdo, e forma e substância da expressão. O interesse dos autores não está nos caminhos que cada articulação faz por si, mas em reconhecer o que acontece entre os agenciamentos de conteúdo e de expressão. É na relação entre eles que forças múltiplas agem, se intensificam, e é neste mesmo território de significação que linhas de fuga geram devires minoritários, inauditos, perpetuando os processos de diferenciação.

As forças e intensidades, bem dizer, são variantes, potências afectivas no plano de consistência que compõem a complexidade incorporal, caosmos. A matéria não-formada se formaliza a partir do choque entre corpos (afecção) com forças e intensidades diferentes entre si, e que, em consequência deste agenciamento, passarão a ter forças e intensidades atualizadas capazes de entrar em relação com outros corpos formalizados através de outras afecções. Essa primeira afecção parte (d)a matéria não-formada, articulando-a em plano de conteúdo e de expressão, aí já discursividade maquínica: possível e atual.

Portanto, podemos dizer, com Deleuze e Guattari que, no lado do conteúdo, há “*agenciamento maquínico* de corpos, ações e de paixões, mistura de corpos reagindo um sobre os outros; por outro lado, [da expressão, há] *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos”. (2011b, p. 31). As afecções aí são *possíveis* maquinações intra-corpóreas, agenciamentos entre corpos capazes de produzir diferença neles mesmos, mas que não se findam quando entram em tal relação, pois haverá sempre uma reserva de potência afectiva capaz de por em relação quaisquer outros corpos. Podemos exemplificar isto com hipotético choque entre corpos celestes: o estado das estrelas modifica-se no encontro (podendo inclusive fazer com que

elas deixem de existir), mas o choque que gera tais modificações em seus estados internos poderá vir a gerar inúmeras outras mudanças em inúmeros outros corpos (a extinção dos dinossauros em um planeta a galáxias de distância, por exemplo...).

Os afectos, como discutimos na primeira parte deste artigo são a realização da afecção, as mudanças de modo na qualidade de uma discursividade energética espaço-temporal. As mudanças podem ser de duas ordens: ou elas reiteram-se, num processo chamado reterritorialização, ou arrebatam-se, via desterritorialização. Ao se reterritorializarem não deixam de modificar novamente seu estado, pois determinadas forças de intensidade potencializam-se; já via desterritorialização, outras forças inauditas emergem, modificando drasticamente as forças. Em ambos os casos, tais mudanças convertem-se em encarnações cósmicas, ou seja, aumentam a capacidade de afecção dos corpos, e não apenas isto: virtualizam novas potências afectivas no plano de consistência.

Portanto, as afecções ocorrem sempre em dupla articulação: os afectos que se territorializam nos corpos; as linhas intensivas que ao mesmo tempo se desterritorializam e que vagueiam pela entreidade (*in-between-ness*), podendo reterritorializarem-se em corpos os mais distintos. Um mesmo fato pode ter significados diversos, portanto: a cadeia semiótica que se cria (ou se recria) é infinita. Atualizá-la em uma rede de relações em um determinado tempo-espaço é o trabalho do pesquisador – sem perder de vista, todavia, que tal organização é tanto fugidia quanto circunstancial.

6. Considerações finais

Perceber, afectar e ser afectado, tudo passa em Deleuze e Guattari e em Espinosa pela impressão (eis aqui já um afecto) de que não é possível não perceber e não afetar; fazemos isso constantemente, é nossa condição de subsistência. A isso Deleuze e Guattari chamam de *blocos de sensações*, o composto percepção-afecto. Para os dois filósofos, sensação não é sinônimo nem para emoção nem para afeto, como usualmente encontra-se na literatura: sensações são, ao contrário, “seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (2010, p.193), e das quais afecto é um dos elementos constitutivos e a emoção um dos produtos possíveis.

A ideia de blocos sensíveis formados por perceptos e afectos advém de Henri Bergson. O filósofo defende que toda atividade humana, incluindo a cognição, produz e é

produzida por afecto¹³, além de ser a parte interna dos nossos corpos que misturam as imagens dos corpos externos, como viemos afirmando. Massumi constata que

Bergson poderia ser lido proveitosamente com Espinosa. Uma das definições de afecto mais básicas de Espinosa é uma “afecção [em outras palavras, um impacto sobre] o corpo, e ao mesmo tempo a ideia da afecção”. Isso começa a soar suspeitosamente bergsoniano se notarmos que o corpo, quando sofre um choque, é descrito por Espinosa como estando em um estado de suspensão passional no qual ele existe mais fora de si próprio, mais na ação abstrata da coisa em colisão e o contexto abstraído daquela ação, do que dentro de si próprio, e se for notado que a ideia em questão não é apenas não-consciente, mas não em primeira instância na “mente”. Em Espinosa, somente quando a ideia de afecção é dobrada por uma ideia da ideia de uma afecção é que ela atinge o nível de reflexão consciente. (2002, p. 31, tradução nossa)

Há uma última aproximação que nos parece interessante ser proposta: entre a ideia de dobra afetiva, como sugerida por Massumi ao ler Espinosa, e a ideia de semiose, como proposta pela semiótica. Embora seja comum pensar na semiose como um procedimento da ordem do sentido, como um processo de signos significantes que remetem, infinitamente, uns a outros, no estilo Lewis Carroll, talvez possa se pensar em uma qualidade *sensacional* da semiose. Logo, o produto e o objeto da arte, o que dela se conserva, seriam o que Deleuze chama de blocos de sensações. “O artista cria blocos de perceptos e de afectos” (2010, p.194), e este deve sustentar-se sozinho, colocar-se à prova do tempo: as obras de arte profícuas são inesgotáveis. Não é questão de hermenêutica: não há sensações que possam ser esgotadas interpretativamente, mas sim obras de arte que se conservam pois suas sensações estão sempre entrando em relação, criando novos afectos, participando de outras afecções. A criação não se esgota no ato criativo, ao contrário, começa nele.

Nota-se que isso não implica em criar uma dicotomia entre sentido (significação) e sentido (sensorialidade). O que temos aqui é uma *entreidade* de ambos: numa brincadeira típica de Lewis Carroll do tipo “Mas se A significa B, e B, C, e C significa D, haverá alfabeto o suficiente para o final desses significados?” se promove não apenas uma cadeia hermenêutica de semiose, mas também uma cadeia afectiva de semiose se desenvolve durante o processo: cada letra se afecta noutra(s) letra(s); a sentença afecta os princípios da lógica, pois sua estrutura dirige-se ao não-sentido; e o leitor é afectado por um texto que se pretende para além de sua forma, criando não-sentidos aberrantes, vertiginosos, produzindo blocos de sensações. Daqui em diante, um salto para questões estéticas nos parece inevitável. Que poderia uma abordagem afectiva da semiose dizer à estética?

¹³ Sobre este ponto, cf. também LAPOUJADE, 2014.

Referências bibliográficas

- AHMED, S. **The cultural politics of emotion**. New York: Routledge, 2004.
- BEIVIDAS, W. A dimensão do afeto em semiótica: entre fenomenologia e semiologia. In: MARCHEZAN, R.C.; et alli (Org.). **A abordagem dos afetos na semiótica**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011, pp.13-34.
- BRINKEMA, E. **The forms of the affects**. Duke University Press, Durham and London, 2014.
- CHAUÍ, M. **A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa**, 2 volumes. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DELEUZE, G. **A imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997
- _____. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed, 34. 2010.
- _____; GUATTARI, F. **Mil Platôs, volume 2**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed, 34. 2011.
- ESPINOSA [SPINOZA], B. de. **Obra Completa IV: Ética e Compêndio de gramática da língua hebraica**. Org. J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano; tradução J. Guinsburg, Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FIORIN, J.L. Paixões, Afetos, Emoções e Sentimentos. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, vol. 5, nº 2, dezembro de 2007.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001
- GREIMAS, A.J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.
- GREGG, M.; SEIGWORTH, G.J. An inventory of shimmers. In: **The affect theory reader**. Durham: Duke University Press, 2010.
- GUATARRI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- HEMMINGS, C. Invoking Affect: cultural theory and the ontological turn. In: **Cultural Studies**. Vol. 19, no 5, pp. 548-567. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380500365473>>. Acesso em 19 nov. 2014.
- JAMES, S. **Passion and action: the Emotions in Seventeenth-Century Philosophy**. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- KNUTILLA, S. **Emotions in Ancient and Medieval Philosophy**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.
- LAPOUJADE, D. **Potências do tempo**. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- LARA, G.M.P.; MATTE, A.C.F. Examinando emoção e paixão. In: MARCHEZAN, R.C.; et alli (Orgs.). **A abordagem dos afetos na semiótica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, pp.35-52.
- MARCONDES FILHO, C. **O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação – Nova teoria da comunicação II**. São Paulo: Paulus, 2004.
- MASSUMI, B. **Parables for the virtual: movement, affect, sensation**. Duke University Press, Durham & London, 2002.
- NAVARO-YASHIN, Y. **Affective Spaces, Melancholic Objects: Ruination and the Production of Anthropological Knowledge**. Journal of the Royal Anthropological Institute 15:1-18, 2009.
- NÖTH, W. **Handbook of Semiotics**. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- REZENDE, R. Dramas compartilhados: as redes sociais como espaços de catarse e a política dos afetos. Trabalho apresentado ao GP Cibercultura no XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza. 3 a 7 de setembro de 2012.
- TRENTO, F.B.; VENANZONI, T.S. Afetos contemporâneos e comunicação. **Rumores**, número 16, volume 8, julho/dezembro, 2014.
- THOMPSON, M.; BIDDLE, I. Introduction: Somewhere between the signifying and the sublime. In: **Sound, Music, Affect**. Theorizing sonic experience. New York, London: Bloomsbury, 2013.